

**JUVENTUDE NA DIÁSPORA: PROTAGONISMO NAS FESTAS DE  
INDEPENDÊNCIA NA UNILAB**

**Alexandrino Moreira Lopes, graduando – UNILAB**  
E-mail: all-lopes@hotmail.com

**Valdilane Santos Alexandre, graduanda – UNILAB**  
E-mail: valdilanealexandre@gmail.com

Orientadores: **Prof. Dr. Elcimar Simão Martins – UNILAB**  
E-mail: elcimar@unilab.edu.br

**Profa. Dra. Jacqueline Cunha da Serra Freire – UNILAB**  
E-mail: jacqueline@unilab.edu.br

## **INTRODUÇÃO**

Os países do continente africano sofreram vários tipos de opressão por parte de países europeus, que invadiram e tomaram terras, mataram povos, destruíram as verdadeiras histórias desse continente, fazendo homens e mulheres escravos, distanciando-os de suas próprias culturas, roubando recursos naturais e comprometendo o futuro de crianças.

Tais abusos levaram os africanos a pensar formas de se libertar, criando planos e estratégias para o processo de luta pela independência, sobretudo a partir de 1970. Uma das possibilidades foi a capacitação de homens, enviando-os para estudar fora do continente africano e voltar para contribuir na restauração de sua independência.

Após o processo de independência, muitas marcas e costumes dos colonizadores ainda continuavam presentes no cotidiano dos povos africanos. Nesse sentido, jovens na diáspora consideram as festas da independência como uma das maiores expressões culturais e fonte de orgulho de sua história, dando lugar à música, dança e demais manifestações da cultura como forma de resistência.

O texto tem o objetivo de investigar o protagonismo da juventude na diáspora, a partir das festas da independência na Unilab. Metodologicamente é pautado na abordagem qualitativa, utilizando a entrevista com estudantes internacionais e a observação participante como estratégias de aproximação com a realidade. O referencial

teórico está ancorado nos estudos de autores como Cassama (2014), Pereira (2012), Freire (1985), além de documentos legais.

## **FESTAS DA INDEPENDÊNCIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA**

No âmbito de fortalecer as relações internacionais, a juventude africana tem buscado desenvolver suas formações acadêmicas fora de seus países de origem. Os jovens estudantes do continente africano, quando chegam às cidades brasileiras, se deparam com outra realidade, que nem sempre condiz com aquilo que eles viam nas telenovelas brasileiras. Logo, a juventude começa a vivenciar outras culturas e a conviver com realidades distintas da sua.

O Brasil tem sido um parceiro dos países do continente africano, sobretudo em relação à oportunidade de jovens africanos cursarem o ensino superior. Nesse contexto, destacamos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)<sup>1</sup> – com *campus* nos municípios de Redenção e Acarape (Ceará) e de São Francisco do Conde (Bahia) – que foi implantada com a missão de integração internacional e desenvolvimento regional.

Irmanada com países africanos e do Timor Leste, que se expressam em língua portuguesa, a Unilab através do intrínseco diálogo entre pesquisa-ensino-extensão, tem sido palco para várias manifestações culturais organizadas e protagonizadas pela juventude na diáspora, que compreendem as festas de independência como

*momentos de reflexões e exaltação do nosso percurso histórico como nação. Dia de comemorar a nossa soberania e a libertação do nosso povo, de recordar os nossos heróis que lutaram e deram a vida em prol da liberdade, igualdade e justiça. Festejar a independência no Brasil nos faz valorizar e engajar profundamente nos festejos, pois é um dos únicos momentos que nos sentimos na nossa terra, devido às atividades culturais e recreativas que fazem a nossa morabeza<sup>2</sup> (Estudante <sup>13</sup> - Sociologia).*

---

<sup>1</sup> A UNILAB conta com 4.726 estudantes, sendo 3.398 em cursos presenciais de graduação, divididos em 2.510 brasileiros e 888 internacionais (540 de Guiné Bissau; 91 de Cabo Verde; 81 de São Tomé e Príncipe; 81 de Angola; 69 de Timor Leste e 26 de Moçambique). Dados de novembro de 2016 da Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA, disponíveis no sítio oficial <<http://www.unilab.edu.br>>.

<sup>2</sup> Grafia de acordo com o vocabulário crioulo de Cabo Verde. Significa sentir-se bem-vindo em qualquer lugar do mundo.

<sup>3</sup> Optou-se por preservar a identidade dos estudantes.

Na procura de preencher o vazio de seus entes queridos e de sua terra natal, os jovens africanos veem a cultura como o melhor refúgio para superarem a saudade da família. Compreendem, portanto, que comemorar as

*festas de independência na UNILAB é uma das melhores formas da resistência, pois podemos mostrar para outros povos os nossos costumes, tendo o poder e a liberdade de ser protagonista da nossa própria história. Revelamos a nossa cultura estando fora do nosso país, de forma que podemos matar um pouco da saudade de coisas que deixamos para trás. É o momento de unificação de estudantes internacionais, de juntar as mãos e construir algo único* (Estudante 4 – Ciências da Natureza e Matemática).

Com isso, os estudantes têm a ideia de comemorar a festa da independência de países africanos e do Timor Leste na UNILAB como uma forma de resistência cultural e de aliviar a saudade de suas terras de origem.

## **O PROTAGONISMO DA JUVENTUDE NA DIÁSPORA: AS FESTAS DE INDEPENDÊNCIA NA UNILAB**

Os estudantes de Guiné Bissau realizaram a primeira festa da independência na UNILAB, no dia 24 de setembro de 2011, quando comemoraram os 38 anos da independência de seu país. Em ato de prestígio e valorização da conquista da sua independência, organizaram várias atividades culturais para celebrarem a data que oficialmente o povo guineense obteve a sua emancipação, ou seja, em 1973, quando Guiné Bissau é oficialmente considerada livre e independente.

O evento teve os estudantes guineenses como protagonistas e foi apoiado institucionalmente pela UNILAB, contando com oficina de gastronomia e de penteados, apresentação de peças teatrais, músicas, desfile de moda com trajes típicos de Guiné Bissau, declamação de poesia, torneio de futsal masculino, além de palestras e seminários discutindo a vida e a obra de Amílcar Lopes Cabral, “um pedagogo da revolução, quer dizer, ele teve, ele encarnou perfeitamente o sonho de libertação de seu povo e os procedimentos políticos pedagógicos, para a realização desse sonho” (FREIRE, 1985, p. 5).

O guineense Amílcar Cabral, filho de pai cabo-verdiano e mãe guineense, estudou em Portugal e lá se formou como engenheiro agrônomo. Em seguida retornou à Guiné, liderando a fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné Bissau e Cabo

Verde (PAIGC) e contribuindo ativamente no processo de luta pela independência dos dois países (PEREIRA, 2012; CASSAMA, 2014).

Os estudantes guineenses, protagonistas da primeira festa da independência na Unilab, desenvolveram a ação como um espaço para refletir sobre a própria Guiné Bissau e os seus povos, aliviar a saudade de suas culturas, agregar os estudantes guineenses na UNILAB, ter a oportunidade de mostrar a vivência e a origem dos povos guineenses para brasileiros e estudantes de outros países que fazem parte da universidade, na perspectiva da integração sociocultural e internacional. A comemoração

*Representa a manifestação da unidade nacional, cultural, política, desportiva, que simboliza a história da libertação do nosso povo. Representa o símbolo nacional que foi consolidado, para orgulhar e dignificar o povo. A comemoração da festa de independência na diáspora é um desafio para os jovens que têm pouco conhecimento sobre a sua cultura e história. Os jovens africanos a partir da comemoração da festa de independência na UNILAB percebem a real importância da vivência da nossa cultura (Estudante 3 - Sociologia).*

Após a celebração da primeira festa da independência de Guiné Bissau, o evento tem sido realizado todos os anos pelos estudantes guineenses e também pelos de outros países que compõem a universidade.

Tendo a primeira resistência dentro da universidade realizada pelos *djurtus*<sup>4</sup> (animal que simboliza Guiné Bissau), os *palanca negras*<sup>5</sup> (animal que simboliza Angola) se manifestaram no mesmo ano comemorando os seus 36 anos de independência à época, que se deu em 11 de novembro de 1975 com muitas manifestações culturais assim como ocorreu com a festa de Guiné Bissau, dialogando com a Lei 10.639/03, que propõe estudos da “História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003, p. 1).

O Timor Leste, sendo um dos países mais jovens do mundo, com marcas recentes da luta pela restauração da independência, oficializada em 20 de maio de 2002, foi representado por seus estudantes nessa celebração de resistência dentro da universidade, quando comemoraram os 10 anos da independência de Timor Leste à época. Os

---

<sup>4</sup> Grafia de acordo com o vocabulário crioulo de Guiné Bissau.

<sup>5</sup> Grafia de acordo com o vocabulário crioulo de Angola.

timorenses trouxeram as suas riquezas culturais ao público brasileiro e internacional, mostrando para a comunidade acadêmica que a diversidade não é uma ameaça para outras culturas, mas sim uma riqueza para o mundo.

A juventude na diáspora compreende as festas da independência como uma possibilidade para *“lembrarmos como aconteceu o antes e o depois da independência dos nossos países. Temos oportunidade de mostrar exatamente aquilo que nos identifica e nos caracteriza como estudantes africanos”* (Estudante 2 - Engenharia de Energias). Assim, esses momentos se caracterizam como espaço-tempo de resistência e preservação da cultura.

Os povos das Ilhas, no ano seguinte, não ficaram de fora dessa conquista e os estudantes cabo-verdianos comemoraram os 37 anos de independência de seu país, que teve sua origem no dia 5 de julho de 1975, juntamente com os jovens estudantes de São Tome e Príncipe, que celebraram também os seus 37 anos da independência à época. Não diferente dos outros países, houve manifestação cultural e afirmação da identidade, afinal é *“o momento de refletimos sobre o percurso histórico do nosso país, de comemorar e viver a nossa liberdade, de redescobrir as nossas culturas. Momento sagrado, porque só temos oportunidade de festejar esse momento uma vez só no ano”* (Estudante 5 – Administração Pública).

A primeira festa organizada pelos estudantes de Moçambique foi no ano de 2013, quando comemoraram os seus 38 anos de independência, que teve a oficialização no dia 25 de junho de 1975, ressaltando os aspectos culturais de seu país. Os jovens, na diáspora, têm a oportunidade de mostrar a cultura do povo africano e timorense para a comunidade acadêmica e local e, em certa medida, encontram consolo por se encontrarem fisicamente longe de sua terra natal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As comemorações da independência se constituem como uma resistência cultural da juventude na diáspora, revelando o protagonismo da juventude africana e timorense na diáspora, constituindo-se como espaço de diálogo, (re) existência e (re) conhecimento da diversidade cultural e ainda levaram os estudantes brasileiros a comemorarem no ano de 2015 a sua primeira festa da independência dentro da universidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Casa Civil, 2003.

CASSAMA, D. J. L. S. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde**. Dissertação de Mestrado. UNESP/SP: Araraquara, 2014.

FREIRE, P. **Amílcar Cabral - O pedagogo da revolução**. Palestra: Curso de Mestrado da Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 8 de novembro de 1985.

PEREIRA, A. M. Falar de Amilcar Cabral é falar das lutas dos povos. In: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 12, n. 139, dezembro de 2012.